

NOVAS PERSPECTIVAS NA HISTORIOGRAFIA AMERICANA: A HISTÓRIA ORAL COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO EPISTÊMICA DO HISTORIADOR

NEW PERSPECTIVES ON AMERICAN HISTORIOGRAPHIC: HOW THE ORAL HISTORY IN CONSTRUCTION EPISTEMIC METHODOLOGICAL PROCEDURE OF HISTORIAN

MENEZES, Jean Paulo Pereira de¹.

Resumo

Objetivamos nesta comunicação, apresentar alguns apontamentos acerca da história oral como procedimento metodológico na construção epistêmica nas ciências históricas, especialmente na América latina, focalizando a relação dialógica que a mesma estabelece entre história e antropologia. Desta forma, entendemos que a escrita da história acaba por ser congratulada com mais um importante procedimento na busca da construção cognitiva acerca do objeto dialético.

Palavras-chave

História Oral – Metodologia – Interdisciplinaridade - Antropologia – Historiografia.

Abstract

we objectify in this communication, to present some notes concerning verbal history as methodological procedure in the epistemic construction in historical sciences, especially in Latin America, focusing the dialogic relation that the same one establishes between history and anthropology. In such a way, we understand that the writing of history finishes for being congratulate with plus an important procedure in the search of the cognitive construction concerning the dialectic object.

Key-words: Verbal history - Methodology – Cross-disciplinary - Anthropology – Historiography.

1 Introdução

Inevitavelmente, e é assim mesmo que iniciamos, em tom questionador, nos esbarramos na Universidade com uma série de problemáticas no que diz respeito às propostas de trabalhos intelectuais². Problemáticas as quais seriam bem-vindas se as mesmas não se

estabelecessem com propósitos escusos ao desenvolvimento cognitivo que se propõe a comunidade acadêmica.

A trajetória das ciências humanas vem composta por uma série de dilemas e desafios nos quais os historiadores de viés mais tradicionalista ainda tem, ao que nos parece, muito a o que considerar e provavelmente rever. Por viés tradicionalista nos referimos aos procedimentos ideologizados pelo historicismo e as suas limitações em se relacionar com seus “documentos” históricos. Uma problemática que aparentemente pode se manifestar de modo sutil, mas que ainda marca a postura de um número considerável de historiadores. Basta desenvolvermos algumas pequenas investigações e provavelmente identificaremos este viés tradicionalista muito próximo de nós, seja nos programas de graduação e pós-graduação das universidades americanas, em especial no Brasil.

Ao apresentar esta problemática, o viés tradicionalista de caráter historicista, não a fazemos ignorando as contribuições do positivismo na história enquanto ciência. É evidente que a seriedade e a tentativa de inferir uma análise às fontes, esta corrente de historiadores, principalmente no século XIX e início do século XX, nos apresentaram perspectivas possíveis para a sua época e de sucesso, uma vez que procuravam objetivar racionalmente acerca do fato histórico. Mas, que nos façamos bem entendidos, uma contribuição que deve ser muito bem entendida no espaço de “*Cronos*”. Hoje, a perspectiva historicista se faz existente, através das suas preocupações ainda válidas no que tange a tentativa de buscar no objeto concreto, respostas concretas e verdadeiras. Mas este mesmo estado de “*Cronos*” caminha por suas estradas não se limitando em encontrar apenas o historicismo e sim um conjunto de perspectivas que unidas coerentemente podem contribuir em muito para que o intelectual possa construir o saber epistêmico na história do presente.

Na historiografia, a escrita da história no ocidente, vem passando por uma série de crescimentos nos últimos séculos que “garantem” aos historiadores o respeito no mundo intelectual por vários motivos, um deles, e estamos convencidos disto, é o trato que o mesmo estabelece com suas fontes (documentos), ou seja, a relação dialógica que permite o historiador a indagar suas fontes com um rigor “invejável” nas demais áreas das ciências sociais.

O século XIX estabeleceu um quadro teórico bastante competente para o seu contexto histórico, principalmente quando observamos as preocupações em explicar os fenômenos que a economia política acabava por proporcionar àqueles intelectuais da Europa que olhavam para a América, África, Ásia e Oceania, envolvidos direta e indiretamente com o industrialismo global e a sua reprodução acelerada e inconseqüente. De cognições apologéticas e críticas, as ciências humanas passaram a se congregarem e por vezes se hostilizarem. Um tipo nada *ideal*, mas bem realista no campo das ciências, em especial as ciências históricas.

Nos primeiros decênios do século XX, a historiografia se deparava com mais uma inovadora perspectiva, na realidade, já apresentada em meados do século XIX com os textos marxianos, nos referimos à perspectiva interdisciplinar, em especial aquela apresentada pela historiografia francesa nos anos 20 e 30 através dos *Annales*. Principalmente sobre o que hoje entendemos como fontes históricas. Objetivava-se aproveitar tudo o que coerentemente fosse possível na busca do entendimento do objeto. Intensificava-se a crítica interna dos documentos, lançava-se mão de outras áreas para a investigação metodológica e a compreensão teórica da pesquisa. Contribuições que inegavelmente alavancaram o ofício de historiador não apenas na universidade, mas em todo o Estado organizado politicamente.

Na América, em Brasil, esta perspectiva também se fez presente, seja nas obras de Gilberto Freyre, quando promove o diálogo entre história, sociologia e antropologia na década de 30 em *Casa Grande & Senzala*; seja com Caio Prado Junior ao propor um outro viés metodológico calcado no materialismo histórico em *Evolução política do Brasil e Formação do Brasil contemporâneo*, dialogando história, filosofia, economia e sociologia; com Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil, Visão do Paraíso e Monções*, interligando história, sociologia (também alemã) e história regional para os estudos brasileiros; posterior a 30, Florestan Fernandes propondo sociologia, antropologia e “história indígena”, com *A organização social dos Tupinambá*; seja Darcy Ribeiro apresentando uma antropologia histórica, provavelmente muito próxima do que entendemos hoje por etnohistória (OLIVEIRA, 2003) em *Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*, entre outros, e fartamente, os demais intelectuais que diretamente

proporiam esta nova perspectiva para o trabalho em ciências humanas no Brasil.

Como podemos observar no parágrafo anterior, é notória a presença da relação entre história, sociologia, filosofia e antropologia. Dedicar-nos-emos a realização de alguns apontamentos acerca das relações entre história e antropologia em uma perspectiva interdisciplinar da construção epistemológica diante de seus objetos através dos procedimentos com fontes orais e suas dificuldades diante da *intelligentisia* acadêmica.

2 As fontes orais como elemento catalisador das relações entre as ciências humanas e a construção epistêmica após a Segunda Guerra Mundial

Após o ano de 1945, ao findar a II Guerra Mundial, a ciências humanas passaram a se utilizar com mais frequência da oralidade na sua construção epistêmica. Nasce daí a necessidade de sistematizar os procedimentos em história oral, que visavam à escrita da história, enfatizando-a como mais uma importante fonte histórica (GARRIDO, 1993).

Neste mesmo período, com a descolonização na África e Ásia, as nações em construção se utilizaram em massa das fontes orais na construção de uma identidade até então marginalizada da historiografia construída, seja pelas nações imperiais e ainda por grupos eruditos locais/regionais. Referimos-nos as fontes orais que visavam contribuir na construção do discurso dos “*sem história*”, daqueles que não foram ouvidos durante um longo processo e que agora encontravam nas fontes orais o meio necessário para se fazerem ouvidos. Foram os casos dos partidos políticos na Itália, movimentos sindicais etc.

É importante registrar que este viés socializador da construção do discurso do sujeito na História após 1945 está posterior à utilização destas novas fontes por grupos políticos que procuravam monumentar-se politicamente, registrando seus discursos e suas visões de mundo, como ocorrera nos Estados Unidos (GARRIDO, 1993).

Neste contexto, uma das maiores contribuições foram as interlocuções entre as disciplinas nas ciências humanas, proporcionando um maior desenvolvimento qualitativo na construção cognitiva do objeto. As

relações dialógicas entre história, sociologia, antropologia, economia, política entre outras, contribuíram no amadurecimento dos quadros teóricos e metodológicos e em uma melhor compreensão objetiva do processo histórico.

Atribuímos a existência deste fenômeno (*as relações dialógicas nas ciências humanas*), em grande medida, aos procedimentos com as fontes orais, que possibilitaram não apenas uma forma de interdisciplinaridade mas também na construção de novos quadros metodológicos para o trabalho intelectual. Estamos convencidos de que os procedimentos com as fontes orais constituem-se em um elemento catalisador das relações epistêmicas nas ciências humanas e que são responsáveis por uma nova paisagem intelectual para a historiografia, como poderemos constatar do decorrer deste artigo, especialmente ao tópico que segue acerca das perspectivas interdisciplinares do conhecimento.

3 Perspectivas interdisciplinares na construção cognitiva

Como já introduzimos, estamos convencidos de que as relações interdisciplinares nas ciências humanas, como por exemplo, aquelas firmadas entre história e antropologia, se constituem em um fenômeno epistêmico que além de inovar, contribui em uma maior e melhor percepção cognitiva do objeto.

Retomando a problematização inicial, muitos intelectuais nas ciências humanas, por difícil que seja entender, continuam a postular uma “história pura” e assim também com a antropologia, filosofia e sociologia. Não nos preocuparemos aqui com o denunciamento, pois seria necessário uma listagem fatigante de nomes e trabalhos, os quais não se compõe em nosso objeto de comunicação por hora. Mas para não sermos enquadrado em um campo de criticismo, basta nos valermos das produções enviesadas pela ortodoxia que se intitula duvidosamente de “marxista” ou ainda, os paradigmas da história após as frustrações de 1968, provocando em uma considerável gama de intelectuais das ciências humanas um comportamento niilista e por vezes pós-moderno, este último, no sentido mais vulgar do termo.³

Ao pensarmos o trabalho em ciências históricas, devemos confessar, possuímos algumas dificuldades em relacionar uma investigação de

forma compartimentada, que entenda documentos chancelados como os mais confiáveis e melhores portadores de vestígios para o trabalho de investigação do historiador na busca de marcas capazes de fornecerem o caminho, “as pegadas” do fato histórico em verdade absolutamente objetiva. Assim fosse, concordamos com o arqueólogo R. G. Collingwood, quando apresenta o *historiador de cola e tesoura* (COLLINGWOOD, 1972). Assim sendo, apresentaremos algumas contribuições vitais para a produção intelectual, partindo, como postulamos neste artigo, da perspectiva interdisciplinar entre história e antropologia tendo como elemento catalisador as fontes orais.

4 História e etnologia: contribuições elementares para o intelectual⁴

Muitos historiadores se agrupam objetivando diferenciarem-se dos demais cientistas sociais como especialistas em determinados recortes epistemológicos em “sua” área de conhecimento. O mesmo ocorre com etnólogos, quando se entendem especialistas em determinados grupos étnicos e assim com os demais intelectuais. Mas afinal, qual é o objeto da história e da etnologia? Acreditamos que o objetivo é o mesmo: estudar a organização social; e que o objeto também se constitui para as duas: o homem. Então, qual a diferença entre estas duas áreas do conhecimento? Responderemos de imediato que as diferenças estão nos procedimentos metodológicos e evidentemente nos quadros teóricos que postulam um ou mais métodos para analisarem este mesmo objeto na História. Mesmo correndo o risco de sermos entendidos como determinadores de uma sentença forte e superficial, continuaremos com esta resposta, que na melhor das hipóteses é uma boa conjectura para prosseguirmos nesta construção que nos dá suporte narrativo.

De acordo com nossos pressupostos, este agrupar-se em relação aos intelectuais das ciências humanas, também pode contribuir para que a perspectiva interdisciplinar seja marginalizada, mesmo que não absolutamente, haja vista que a construção de uma identidade grupal pode ser juntamente com este fenômeno, a própria construção de uma paisagem interdisciplinar, criando o grupo dos ecléticos, dos postuladores transdisciplinares e os próprios intelectuais interdisciplinares.

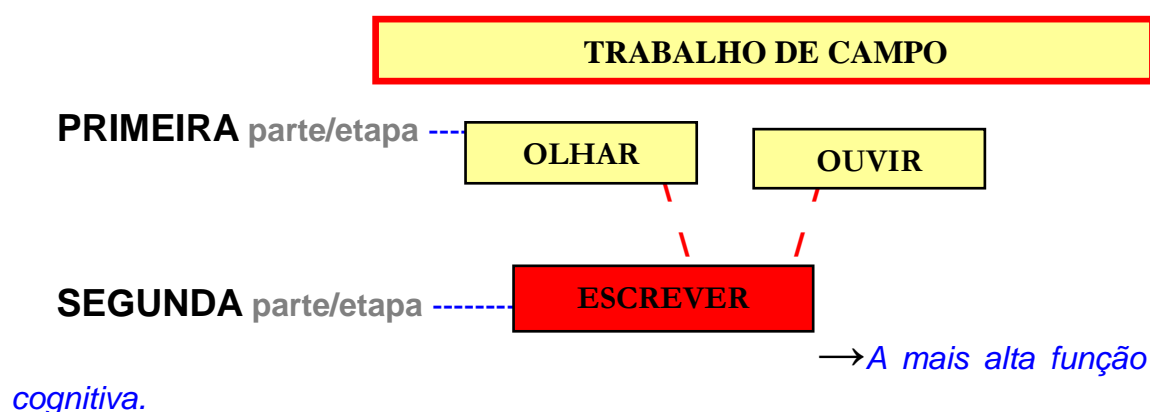
O que postulamos de forma positiva é a comunicação constante entre as disciplinas como forma de desenvolvimento coerente do conhecimento, seja sobre as comunidades indígenas na América, sobre as organizações políticas na América Latina, sobre a teoria do conhecimento, etc.

Uma demonstração nítida de contribuições elementares para o trabalho intelectual é o relacionamento entre etnologia e história, no que tange aos procedimentos metodológicos. Do historiador o etnólogo pode beber do rigor com as fontes, na forma de dialogar com a produção escrita ou não, na preocupação em fazer a crítica interna e externa ao documento seja ele escrito ou não, com ou sem chancelas (*uma antiga preocupação historicista*). Do etnólogo, o historiador pode e tem muito que aprender, a nosso ver, principalmente sobre as fontes orais, procurando não apenas desenvolver entrevistas e coletar depoimentos através de questionários e formulários, que mais intimidam do que informam. Talvez o historiador fosse neste diálogo, o mais beneficiado, uma vez que nos identificamos entre estes. Certamente, a busca do etnólogo em estabelecer uma relação de interlocução com seu objeto seja a contribuição mais saliente ao historiador, principalmente quando os “documentos” tradicionais não existem mais para poderem entender o seu recorte epistemológico. Os procedimentos do etnólogo em trabalho de campo fornecem ao historiador um quadro metodológico vital para a interpretação de informações que servirão à escrita da História.

Roberto Cardoso de Oliveira em *O trabalho do Antropólogo* (1998), fala da “*efetivação do famoso círculo hermenêutico, da interligação dialética*” e acreditamos que a história pode contribuir em muito com esta preocupação, uma vez que pode se pautar por uma metodologia dialética, a qual também atende as preocupações da antropologia como método⁵. No capítulo inicial deste importante livro para o historiador, Oliveira preocupa-se em apresentar as etapas da construção do conhecimento antropológico. Referimos-nos ao “*Olhar, Ouvir e Escrever*” (OLIVEIRA, 1998), *como uma grande tarefa do ofício do antropólogo/historiador* e a necessidade de interligá-las uma realidade do presente. Identificando aí a problemática de ordem epistemológica em jovens pesquisadores.

Assim entendemos de ambos os lados (historiadores e antropólogos) a contribuição através de um olhar etnográfico diacronicamente

preparado teoricamente sobre o seu objeto. O ouvir do objeto como interlocutor, buscando a efetivação de uma relação que se difira da seca relação tradicional pesquisador/informante; e, o escrever como uma segunda etapa do trabalho, pois realiza longe do campo, sob os auspícios das instituições de pesquisa, em seu gabinete etc. (Oliveira, 1998), considerações estas apresentadas por Geertz, como cita Roberto Cardoso em seus capítulos iniciais. Assim tentaremos representar através de uma ilustração as etapas do trabalho do antropólogo que entendemos em muito contribuir para o ofício do historiador, em especial daqueles que trabalham com história indígena (isso sem recorremos a enquadramentos anteriormente questionados):



Sendo a segunda parte/etapa, mais distinta da primeira por se tratar da textualização, do desenvolvimento do suporte narrativo da interlocução de campo. Mas aqui já entraríamos em uma importante extensão de nosso tema, o qual não objetivamos tratar neste momento. Demonstrado então, apenas algumas das contribuições interdisciplinares entre história e etnologia, seguiremos então com as demais problematizações que perfazem este nosso artigo, na intenção de demonstrar minimamente alguns apontamentos que nos convencem de que a perspectiva interdisciplinar não se apresenta com um problema, mas sim como contribuidora na busca do entendimento dos vários problemas e ordem cognitiva nas ciências humanas.

5 A ortodoxia intelectual e suas limitações epistemológicas

Retomando a questão da ortodoxia intelectual sobre as suas limitações somos convencidos que estes “grupos” de cientistas sociais estão

fadados à marginalidade a qual os mesmos acabam por decretar, uns mais conscientes que outros, uma vez que se isolam e negam uma relação dialógica com seus pares, a princípio, comprometidos com a construção epistemológica.

Incrivelmente, quando nos referimos a ortodoxia intelectual, encontramos muitos rótulos que postulam utilizar-se da dialética para produzirem o conhecimento. Mas que tipo de dialética seria esta? A do olhar atlântico, do ouvir a moda ou de escrever sozinho?

Preocupamos-nos com esta problemática questão, uma vez que a crítica se estende aos “marxistas” vulgares, muitas vezes injustamente às produções que além de pertencerem ao mais refinado materialismo histórico, são enquadrados como os tais ortodoxos que nos referimos no decorrer deste artigo. Seria lamentável pensar desta forma, pois a interdisciplinaridade já era uma prática entre os clássicos textos marxianos do século XIX, “interfazendo”, história, filosofia, economia, geografia política e sociologia, e até mesmo o que se configuraria como antropologia. O mesmo se considerarmos muitos intelectuais constantemente taxados pejorativamente como pós-modernos como é o caso de alguns antropólogos utilizados mesmo em nossa argumentação construtiva de uma cognição.

À esta ortodoxia problematizada em nossa narrativa cabe uma série de limitações epistemológicas uma vez que não se permitem como praticantes de um exercício de abstração epistêmica que seja capaz de questionar suas convicções rumo à verificação de tal conhecimento, procedimento etc. Esta “*psicanálise do erro*” (Pacheco, 1999), poderia em muito contribuir para que muitos cientistas sociais, em especial historiadores não ficassem obliterados em função da incoerência que facilmente os desclassificam no contexto da produção e contribuição científica das humanidades.

6 Considerações finais

Procuramos apresentar neste artigo algumas relações estabelecidas através dos procedimentos com fontes orais entre história e antropologia, com o objetivo de realizar alguns apontamentos acerca da interdisciplinaridade nas ciências humanas como fator promovido em grande parte pela catalisação das metodologias com as fontes orais, introduzindo também algumas problemáticas

que tal perspectiva se depara em programas de pesquisa nas universidades brasileiras.

Certamente outras questões foram e poderão ser observadas com o desenvolvimento de outras leituras acerca do tema que se constitui de forma introdutória. Em nenhum momento foi nosso objetivo dar cabo de tal problemática, mas assim mesmo nos preocupamos em percorrer caminhos que possibilitem o desenvolvimento da crítica e ao mesmo tempo, que sejamos objeto de outras construções críticas, pois entendemos que este é um bom norte para poderemos caminhar pelo nada fácil caminho da inteligência e sua construção epistemológica.

Independente de paradigmas teóricos, procuramos apresentar problemas que partem do *nós* aos *outro* (dos historiadores aos outros cientistas sociais). Se assim formos entendidos pelos leitores, nos damos como contribuidores mínimos de algo máximo: a construção crítica, mesmo que isso nos valha boas ou más críticas.

Uma outra preocupação foi a de iniciarmos o suporte narrativo desta comunicação dissertativa “fugindo” aos padrões da acadêmica, justamente para provocar sensações diversas em nossos interlocutores textuais, certamente mais experientes nesta construção intelectual.

Entendemos que outros trabalhos sobre a formação intelectual dos cientistas sociais, especialmente do historiador, devam ser elaborados com mais freqüência em nossas universidades, uma vez que nos referimos à um dos germes da intelectualidade do sujeito histórico.

Referências bibliográficas

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e História Oral. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história, especificidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Portugal: Publicações Europa-América, edição 158004/5071, 1983.

BURKE, Peter. *História e Teoria social*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. 1998. *O Trabalho do antropólogo*. 2ª ed. São Paulo, EdUnesp.[Cap. 1, pp. 17-35]
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Ensaios; Bauru-SP, EDUSC, 2005.
- DEMO, Pedro. *Intelectuais e Vivaldinos: da crítica acrítica*. São Paulo: ALMED, 1982.
- EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. 2003. *Sobre os conceitos e as relações entre história indígena e etnohistória*. Prosa, Campo Grande, 3 (1):39-47.
- GARRIDO, Joan del Alcàzar i. *As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate*. Tradução de Alberto Aggio.In: Revista Brasileira de História, Vol. 13, nº. 25/26, setembro/agosto 93.
- GEERTZ, C. 2001. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. [Cap. 5, pp. 86-130]
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 5ª edição. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.
- _____. *Os Intelectuais e a formação da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- HOBBSAWM, Eric J. *Sobre História, ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 4.ª reimpressão, 2001.
- JOUTARD, Philippe. *História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*. In: *Usos & abusos da história oral*. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1991. *Antropologia estrutural*. 4ª ed., Trad. de C. S. Katz & E. Pires, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. [Cap. 1, pp. 13-41]
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã I*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença; Brasil, Martins Fontes, 1974. (Coleção Síntese).
- MELIÀ, Bartomeu. 2004. *El pueblo Guaraní: unidad y fragmentos*. Tellus, Campo Grande, 4 (6):151-162.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações*. In: *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. (org.) Zélia Lopes da Silva. São Paulo: Editora Unesp; FAPESP, 1999.
- MENEZES, J. P. P. de. História Indígena e Indigenismo no Brasil: o CEIMAM diante da escrita da História Indígena Terena do Mato Grosso do Sul. *Revista Cosmos* (Presidente Prudente-SP) Universidade Estadual Paulista. Vol. V, 2007 – Presidente Prudente: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2007.
- MENEZES, Jean P. P.. *Ideologia e cultura indígena na modernidade: a história tradicional*. In: *Congresso de História/ Unesp Assis, 2004, Assis. Anais eletrônicos da XXII Semana de História*. Assis : UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004. v. 01. p. 01-17.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. In: *Revista Brasileira de História*, Vol. 13, nº. 25/26, setembro/agosto 93.
- PACHECO DE OLIVEIRA, J. 1999. *Ensaio em Antropologia Histórica*. Prefácio de Roberto Cardoso de Oliveira. Rio de Janeiro, EdUFRJ. [Cap. 3, pp. 99-123]
- POLLAH, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 5, nº. 10, 1992.

RIBEIRO, DARCY. O Processo Civilizatório. Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro, Publicação da *Folha de São Paulo*, cedida pela Companhia das Letras, 2000.

¹ Mestrando em História UFGD/FCH-MS; bolsista CAPES. E-mail: fafica_95@yahoo.com.br.

² Ao nos referirmos ao termo intelectual, nos remetemos à construção epistemológica desenvolvida na Itália por Antonio Gramsci em seu trabalho: “*Os intelectuais e formação da cultura.*”

³ Devemos esclarecer que nos referimos ao pós-moderno reducionista do sujeito ao abstrato vulgar, não nos referindo absolutamente aos intelectuais que constantemente, principalmente na década de 70, serão rotulados por todos os ângulos como pós-modernos e posteriormente enquadrados como intelectuais incoerentes diante de uma razão cognitiva.

⁴ Poderíamos abordar, evidentemente, a Arqueologia como grande contribuidora, mas por questões pertinentes a síntese, o espaço aqui não seria suficiente, pois também deveríamos estender-mos à Filosofia, Economia etc.

⁵ Não entendemos que exista um método capaz de abarcar todas as preocupações da história e da antropologia, que evidentemente há aqueles que melhor contribuem para verificar determinadas problemáticas.

Nota dos Editores: Artigo recebido em 18/02/2008. Aprovado em 27/05/2008.